

## **Em Busca do Equilíbrio Tático: Reflexão Sobre a Construção Textual no Jornalismo Esportivo<sup>1</sup>**

Matheus Simões MELLO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### **Resumo**

Este artigo propõe uma reflexão acerca da construção textual no jornalismo esportivo. É desenvolvido por meio de três aspectos principais: a objetividade dos textos jornalísticos voltados para a editoria e a aparente relação da mesma com materiais mais desprendidos das amarras jornalísticas; a estratégia de singularização do fato principal (núcleo singular da notícia) e o uso das grandes individualidades como recurso de construção textual na editoria de esportes. Através da identificação de vantagens e desvantagens de cada um, acredita-se contribuir para a discussão dos produtos jornalísticos esportivos veiculados atualmente.

**Palavras-chave:** Jornalismo Esportivo; Construção Textual; Objetividade; Singularidade; Individualização.

### **Introdução**

O futebol está em todos os lugares. Inegavelmente, a abrangência do esporte mais popular do mundo impressiona, tendo acesso aos locais mais longínquos e isolados do nosso planeta. Seja nestas localidades ou nos campos mais consagrados do mundo, a modalidade dota de uma densa complexidade, envolvendo elementos das mais variadas áreas de conhecimento, tanto no jogo propriamente dito quanto na organização e planejamento do mesmo. Dessa maneira, efetuar a tradução de tais códigos para o texto jornalístico se torna uma tarefa complexa que demanda conhecimento por parte do profissional. E, por ter incontáveis possibilidades de abordagens, a construção textual jornalística voltada para a editoria de esportes gera divergências e, conseqüentemente, debates.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (Posjor/UFSC). E-mail: senso\_de\_humor@hotmail.com.

Levando em conta que o jornalismo é, pois, um método de interpretação (GOMIS, 1991, p.38)<sup>3</sup>, é necessário a análise e a reflexão acerca da mesma para viabilizar melhorias no jornalismo esportivo. Tal processo será dividido em três momentos: primeiro, uma discussão da objetividade na cobertura do fato esportivo; posteriormente, uma breve discussão acerca da construção textual jornalística esportiva por si só e, finalmente, uma reflexão sobre a individualização no jornalismo esportivo. Para tais procedimentos, levam-se em conta dois diários especializados, o brasileiro Lance! e o argentino Olé, objeto empírico da dissertação do autor deste artigo, bem como as crônicas do dramaturgo Nelson Rodrigues, pois, como será visto, a designação daquele profissional que cobria esportes para os veículos impressos era a de “cronista esportivo”.

O presente artigo visa contribuir para a ampliação dos debates condizentes ao jornalismo esportivo e seu panorama atual. Acredita-se que, nos dias de hoje, a editoria passa por uma crise de qualidade, na qual uma das principais razões é o excesso de relatos objetivos e centrados nos fatos primários do acontecimento esportivo. “[...] O resultado é que o noticiário esportivo atual no Brasil tem se mostrado superficial, inconsequente até, com meras coberturas sobre resultados ou aspectos irrelevantes como a vida pessoal dos atletas [...]” (CINTRA SOBRINHO, 2005, p.67,68). Tendo em mente a citação transcrita acima, é impossível não atentar para o enorme número de fatores esquecidos pela objetivação no jornalismo esportivo. “O simples exclui o complicado, o incerto, o ambíguo, o contraditório” (MORIN apud FONTCUBERTA, 2006, p.30)<sup>4</sup>. Apesar disso, abordar-se-á que é possível equilibrar a mescla entre o objetivo e o subjetivo.

### **Objetividade *versus* subjetividade: há espaço para ambas?**

Mesmo com a complexidade e subjetividade do fato esportivo, a maioria esmagadora dos materiais produzidos para a editoria de esportes no Brasil é realizada por meio de relatos objetivos. A emoção, os recursos literários, a valorização de fatos secundários na construção e na contextualização do texto, frequentes até a metade do século passado, foram postas em desuso em grande parte das redações. Se antes os profissionais que cobriam as mais variadas modalidades eram chamados de cronistas, agora são intitulados jornalistas.

---

<sup>3</sup> Tradução minha.

<sup>4</sup> Tradução minha.

No que tange a carente bibliografia a respeito do jornalismo esportivo, encontram-se alguns materiais que defendem a objetividade. A jornalista Cristina Konder (in RIO DE JANEIRO, 2004, p.24) elenca tal aspecto como um dos mais imprescindíveis no jornalismo esportivo. Partilhando da mesma opinião, Barbeiro e Rangel afirmam: "O público quer que o jornalista informe pura e simplesmente" (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.46). Esses pensamentos, apesar de válidos para algumas circunstâncias, empobrecem a editoria. Se pensarmos em uma cobertura de uma partida específica, "informar pura e simplesmente" significa desprezar uma série de acontecimentos transmitidos aos receptores através da 'linguagem futebol', sendo eles cruciais para o jogo, ou que podem render ganchos interessantes para a matéria a ser produzida. Por mais objetivo que seja o acontecimento sempre é composto por uma essência subjetiva e complexa (GENRO FILHO, 2012, p.49).

Teoricamente, a editoria de esportes dispõe de maior liberdade para pensar em estratégias mais criativas. Borelli (2002, p.10) pontua que o jornalismo esportivo dota de um desprendimento mais acentuado das amarras jornalísticas, se comparado com os demais segmentos. Contudo, o que se confere é algo diferente: tal distanciamento é mais visto nos espaços destinados aos colunistas e, em alguns casos, em reportagens especiais. Se for levada em conta a afirmação de Borelli, tem-se aí um problema de caráter ideológico e profissional: ou os mandatários não liberam a fuga das normas jornalísticas, ou os repórteres não sabem aproveitá-la. Stycer (2009) relata o choque de ideias entre os jornalistas mais experientes e aqueles que recém haviam chegado ao mercado no diário Lance!, o que evidencia a falta de consenso sobre como se fazer jornalismo esportivo.

Em meio ao paradigma da objetividade, na opinião do autor deste artigo, não há a necessidade de sacramentar um modelo fixo, algo que supra as demandas da editoria, independente da pauta a ser coberta. Dependendo do acontecimento, pode-se optar por um material mais objetivo, informativo, que siga à risca os padrões jornalísticos aqui adotados, ou escolher um relato mais literário, desprendido, que explicita sentimentos, seja quais forem. Kfourri (in RIO DE JANEIRO, 2004, p.10) distingue as matérias carregadas de maior seriedade daquelas que envolvam um confronto entre duas equipes. Ao mesmo tempo em que possui um perfil mais investigativo, Kfourri não desconsidera a emoção provocada pelo esporte mais popular do mundo. Apenas defende que há muito a ser retratado "entre a euforia e a emoção" (KFOURI in RIO DE JANEIRO, 2004, p.11).

Com essa contribuição de Kfourri, pode-se pensar, portanto, em um equilíbrio: a informação do fato com o entretenimento do esporte; a imparcialidade jornalística com a

emoção despertada pelo desporto; a objetividade no registro do acontecimento e a subjetividade da ‘linguagem futebol’. Todavia, como já foi dito, tal equilíbrio – pelo menos em âmbito brasileiro – não é verificado nos grandes veículos impressos, sejam eles gerais ou especializados. A ânsia pela informação objetiva e pelo furo de reportagem resulta em abordagens muito semelhantes umas das outras. Ou seja, a rapidez se sobressai perante a qualidade. Talvez os profissionais da área de esportes estejam totalmente preocupados com a transmissão do fato principal, sem se dar conta de que o entorno pode ser tão ou mais relevante para contextualizar o fato.

A diferenciação proposta por Ponte (2005) pode dar respaldo à distinção mencionada acima. A autora aborda dois conceitos principais: realismo e melodrama. Enquanto o primeiro privilegia a descrição real dos fatos, o segundo visa produzir um material que releve as emoções, visto que, para essa corrente, os acontecimentos “[...] só interessam na medida em que afetam as suas vidas quotidianas e as suas condições, sentimentos, medos, ansiedades, prazeres” (GRIPSRUD apud. PONTE, 2005, p.64). Contextualizado com as especificações de Kfourri, tem-se o realismo das matérias de cunho investigativo e mais presas aos padrões jornalísticos e a adoção de recursos melodramáticos na abordagem de fatos esportivos.

Costumeiramente, a junção de materiais realistas e melodramáticos é mais harmoniosa em eventos que evidenciam a ligação do esporte com outros campos do conhecimento, como Economia, Política e Administração Pública. A cobertura de Megaeventos Esportivos, tal qual a Copa do Mundo de futebol, é um bom exemplo. Tanto as pautas de fiscalização do Estado durante as construções planejadas para abrigar o evento quanto o relato das partidas do torneio têm espaço. Porém, não se pode esquecer que os elos entre futebol e demais áreas é constante em qualquer tipo de competição, algo que só é considerado quando surgem fatos que repercutam mais que os resultados dos jogos (escândalos de corrupção, má situação financeira dos clubes, briga entre torcidas, dentre outros).

Se as atenções forem voltadas mais claramente para a natureza do acontecimento, as dicotomias *hard/soft news* e importante/interessante também podem complementar o que já foi aqui dito<sup>5</sup>. Naturalmente, as notícias que merecem maior seriedade (*hard/importante*) serão tratadas de tal forma, até mesmo por aqueles veículos reconhecidos pelo humor em suas publicações. A título de curiosidade, no dia 8 de dezembro, Olé publicou uma matéria

---

<sup>5</sup> Ver Bird e Dardenne (1993).

a respeito da briga entre Torcidas Organizadas no jogo entre Atlético Paranaense e Vasco, em Joinville (SC) <sup>6</sup>. A postura adotada pelo diário foi extremamente séria, sem qualquer tipo de duplo sentido ou anedotas, práticas rotineiras no diário argentino. Com relação aos produtos de natureza *soft*/interessante, tem-se a possibilidade de se distanciar de uma postura mais política. Por conseguinte, os recursos melodramáticos se adéquam melhor em pautas mais ‘leves’, visto que, em fatos como o exemplificado acima, pode soar como sensacionalismo.

### **A singularização do singular e a contextualização do particular**

Focando exclusivamente nas notícias *soft* do noticiário esportivo, uma boa saída para a mesmice pode ser a singularização do fato. Antes de dissecar a última afirmação feita, pensemos na construção textual em si. Um bom parâmetro para tal discussão são os conceitos pensados por Genro Filho (2012). De acordo com o autor, a pirâmide invertida deveria ser ‘desinvertida’, isto é, a base da figura teria que estar novamente abaixo do topo, pois a notícia caminha do singular para o particular, e do particular para o universal. O lide, à vista disso, é uma “apreensão sintética da singularidade ou núcleo singular da informação” (GENRO FILHO, 2012, p.191).

Não confundamos, porém, a singularização do fato com a singularidade do mesmo. O primeiro, desenvolvido pelos Formalistas Russos, refere-se ao olhar singular perante algo, ou seja, como se jamais tivesse o visto, já que, segundo os Formalistas, os fatos constantes acabam por se tornarem invisíveis (MELLO, 2012, p.34,35). Já o segundo diz respeito ao aspecto singular do acontecimento jornalístico, sendo esta pertencente a uma particularidade, que, por sua vez, está inserida no universal. Tomemos como exemplo as finais dos campeonatos estaduais de futebol. Como geralmente a decisão do título é composta por dois jogos na maioria das unidades federativas, há a possibilidade uma das agremiações finalistas abrirem uma vantagem relativamente confortável no primeiro confronto. Quando isso ocorre, é quase certo que a maioria esmagadora dos jornais, independente do estado e de qual competição esteja se referindo, irá intitular a matéria

---

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://www.ole.com.ar/futbol-internacional/america/graves\\_incidentes\\_en\\_brasil\\_0\\_1043895938.html](http://www.ole.com.ar/futbol-internacional/america/graves_incidentes_en_brasil_0_1043895938.html)> Acessado em 16 de dezembro de 2013.

referente ao ocorrido no primeiro duelo com os dizeres “com a mão na taça”<sup>7</sup>. Neste caso, verifica-se a falta de um olhar singular perante a singularidade do fato esportivo. Assim sendo, uma boa matéria jornalística passa pela singularização da singularidade, visto que a última – e aqui me refiro pelo menos à questão esportiva – pode ter aparências/desfechos semelhantes. Em outras palavras, deve-se buscar um olhar diferenciado para retratar o núcleo singular da notícia. Usando a exemplificação adotada no parágrafo anterior, pode-se pensar no uso de outras associações que tenham o mesmo significado do já calejado jargão, ou propor uma contextualização com outras decisões que, mesmo com resultado igual no primeiro confronto, tiveram desfechos favoráveis para a equipe que saiu derrotada nos primeiros noventa minutos.

Um dos mais bem sucedidos neste aspecto foi o cronista e dramaturgo Nelson Rodrigues. Em suas crônicas esportivas, escritas para a revista *Manchete Esportiva*, entre 1955 e 1959, Rodrigues trazia um personagem da semana na maioria delas. Dentre estes personagens, o nome de Zizinho<sup>8</sup> era o que aparecia com maior frequência. Apesar da constante aparição de Mestre Ziza, Nelson Rodrigues sempre o retratava de modo singular; seja exaltando sua habilidade, sua diferença técnica perante os demais, ou elogiando o vigor físico do atleta, mesmo com a idade avançada, dentre outras análises. Evidentemente, sabe-se que os textos do dramaturgo pernambucano são diferentes das matérias jornalísticas. No entanto, Nelson Rodrigues é considerado – junto com seu irmão, Mário Filho – uma das maiores referências do jornalismo esportivo brasileiro.

Voltando às contribuições de Genro Filho (2012), o autor diferencia a reportagem da notícia, no que diz respeito à particularidade do fato. Diferente da notícia, a reportagem desenvolve certa autonomia da particularidade, em vez de apenas usá-la como contextualização (p.198, 199). Diante disso, o autor divide tal autonomia em três categorias: a) estética, no qual o Genro Filho cita como exemplo o “À Sangue Frio”, de Truman Capote; b) teórico-científica, na qual a reportagem se baseia em dados de pesquisas e/ou outros métodos pertencentes às ciências sociais; c) informativa, na qual a reportagem amplia discussões já cobertas pela mídia.

Contextualizando com o âmbito jornalístico esportivo, pode-se identificar a utilização das três categorias, seja na confecção de uma reportagem ou até mesmo na contextualização da

---

<sup>7</sup> Expressão que demonstra a alta probabilidade de o vencedor do primeiro jogo, devido à confortável diferença de gols, conquistar o campeonato após o término do segundo encontro.

<sup>8</sup> Tomás Soares da Silva (1921-2002), popularmente conhecido como Zizinho, foi o grande nome do futebol brasileiro antes de Pelé. Mestre Ziza foi ídolo no Flamengo, no Bangu e na Seleção Brasileira, na qual foi eleito o melhor jogador da Copa do Mundo de 1950.

singularidade do fato noticioso. No caso da particularidade teórico-científica, o crescente uso de dados referentes ao desempenho físico e tático dos jogadores dentro das quatro linhas, bem como a investigação de aspectos sociais para entender o comportamento de determinado esportista pode ser associado. Por sua vez, a categoria informativa – talvez a mais adotada – pode ser relacionada com a ampliação das discussões referentes ao momento de um determinado clube, ou até mesmo a respeito da última rodada disputada de algum torneio. Com relação à particularidade estética, acredita-se que esta foi deixada em segundo plano, pois, raciocinando a partir da exemplificação de Genro Filho, as descrições se restringem aos espaços destinados às crônicas/colunas de opinião. Entretanto, se pensarmos no futebol como uma linguagem estética, tendo os vinte e dois jogadores como emissores de tal linguagem<sup>9</sup>, pode-se aproximar a particularidade estética de uma das estratégias de construção textual mais antiga do jornalismo esportivo: a individualização.

### **A exaltação das individualidades: benefícios e malefícios**

A ávida carência do brasileiro pela idolatria das grandes individualidades das equipes está tão enraizada quanto o próprio futebol. Nada mais natural para um país que se projetou na modalidade através da ginga, da finta, do jogo individual. O dramaturgo Nelson Rodrigues afirmava: “[...] Numa competição modesta de cuspe à distância, o torcedor exige o mistério das grandes individualidades” (RODRIGUES apud. SILVA, 1997, p.50). Tal postura pode ter uma explicação sociológica: de acordo com Antezama (2003, p.87) os atletas são atores sociais e, também, um modelo bem sucedido de ascensão social. Ampliando o pensamento, pode-se pensar na identificação com determinada individualidade por inúmeros aspectos, seja pela garra demonstrada, pela superação, pela persistência, ou pura e simplesmente pela técnica ímpar.

Direcionando novamente nossos olhares para o jornalismo esportivo, projeta-se na individualização uma estratégia textual que pode render bons frutos. Seguindo como modelo de análise as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues, um dos melhores exemplos são as publicações que retrataram Didi e Pelé. Em uma época na qual o *Maracanazo* ainda era presente na vida dos brasileiros, na qual a miscigenação racial e a presença do negro como uma das principais etnias do povo brasileiro eram os principais motivos dados para justificar o insucesso tupiniquim, Nelson Rodrigues enaltecia a “nobreza etíope” de Didi e a

---

<sup>9</sup> Ver Silveira e Silva (2010).

“pureza racial negra” daquele que veio a ser, para muitos, o melhor jogador de todos os tempos. Dessa forma, o dramaturgo não só glorificava as individualidades, mas também rechaçava, de maneira sutil, as explicações racistas para o insucesso do escrete nos mundiais anteriores.

No entanto, deve-se cuidar para não cometer excessos, principalmente com aqueles que se destacaram/vem se destacando. Um exemplo para o mau uso da individualidade é a supervalorização de garotos que ganham projeção rapidamente, ou até mesmo já geram expectativas na torcida e na imprensa antes mesmo de chegarem ao elenco profissional. O foco demasiado na individualidade, nesses casos, pode gerar uma pressão prejudicial ao atleta, afetando indiretamente seu rendimento. Tal relação pode ser explicada por Marques, que identifica uma leitura incorreta do receptor (torcedor) dos mitos produzidos:

Por se tratar de um sistema semiológico, o mito é também um sistema de valores: mas seu consumidor o lê como sistema de fatos, em que o significante e o significado mantêm relações naturais. Por não se dar conta do sistema semiológico do mito é que o leitor pode consumi-lo inocentemente. (MARQUES, 2002, p.12).

Marques acrescenta que os mitos são retratados como tal somente dentro da cancha. Fora dela, o atleta é humanizado, o que pode facilitar a identificação do torcedor com o mesmo e explicar o alto grau de interesse dos receptores pela vida pessoal dos desportistas.

### **Considerações finais**

Ao longo deste artigo, buscou-se refletir acerca de algumas questões chave na construção do produto jornalístico voltado para o esporte. Em um primeiro momento, intentou-se refletir acerca da objetividade jornalística, em contraponto com a subjetividade do fato esportivo, sendo este considerado uma linguagem. Em seguida, foram trazidas algumas reflexões mais amplas e de cunho teórico, visando relacioná-las com o jornalismo esportivo e, assim, fornecer sustentação teórica às proposições aqui feitas. Através das concepções de Genro Filho (2012), refletiu-se acerca do modo no qual o singular e o particular são retratados no texto jornalístico voltado para o esporte, trazendo, brevemente, possíveis saídas. Por fim, fez-se um breve comentário tangível à individualização, prática recorrente na editoria.

No que diz respeito à objetividade, acredita-se que esta pode ser, especialmente naquelas matérias desprendidas de maior seriedade (*soft*), posta em segundo plano, o que não é algo prejudicial ao Jornalismo, tampouco fere as normas da profissão.

A maioria dos autores reconhece que a objetividade plena é impossível no jornalismo, mas admite isso como uma limitação, um sinal da impotência humana diante da própria subjetividade, ao invés de perceber essa impossibilidade como um sinal de potência subjetiva do homem diante da objetividade. (GENRO FILHO, 2012, p.186).

Além disso, tem-se a possibilidade da inserção de uma linguagem diferenciada, pois o futebol – e qualquer outra modalidade esportiva – necessita de tal mudança. "Assumo a certeza de que as histórias esportivas nutrem-se de componentes singulares, distantes da rotina. Daí, serem narrados e comentados em linguagem própria" (HEIZER in RIO DE JANEIRO, 2004, p.79).

Apesar da defesa de tal ponto, não custa ressaltar novamente que um bom jornalismo esportivo é feito pela mescla entre os dois modelos: o registro o objetivo e a construção narrativa de uma "estória"<sup>10</sup>. Tanto o Olé quanto o Lance! abrigam os dois estilos dentro de suas páginas – apesar de o terem proporções diferentes. Portanto, há sim espaço para a objetividade e para a subjetividade dentro das páginas que retratam os esportes em geral. Deve-se reiterar, também, a importância de um olhar singular para a construção da notícia. Tal adoção pode devolver a originalidade e qualidade perdida do jornalismo esportivo brasileiro (MELLO, 2012, p.35).

No que diz respeito à individualização na arquitetura do texto jornalístico, precisa-se de muita cautela para não gerar qualquer tipo de exagero que prejudique o atleta ou, em alguns casos, a própria imagem do veículo. A história do futebol já mostrou, por inúmeras vezes, que a simples vitória individual de um jogador tem a possibilidade de desencadear reações inimagináveis, fruto da forte ligação da prática esportiva com a ascensão e a aglutinação social. Porém, acredita-se que tal feito é construído da relação entre jogador e torcida, e não dimensionada pela mídia. Esta tem apenas a função de relatar tal interação.

Em linhas gerais, o futebol e as demais modalidades devem continuar sendo objeto de investigação por parte da mídia, sem esquecer, entretanto, da magia e da complexidade do jogo, o que, também, não devem ser exclusivamente evidenciados. Futebol também é informação séria. "Futebol não é só entretenimento" (MESSA, 2005).

---

<sup>10</sup> Ver Bird e Dardenne (1993).

## REFERÊNCIAS

- ANTEZAMA, Luis H. J. Fútbol: espectáculo e identidad. In: ALABARCES, P. (org.). **Futbologias: Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.
- BARBEIRO, H.; RANGEL, P.. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BIRD, E. S.; DARDENNE, R. W. Mito, registro e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 1993
- BORELLI, V.. **O esporte como construção específica no campo jornalístico**. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador (BA).
- CINTRA SOBRINHO, D.. **Além do espetáculo ou público pagante?** Uma análise culturológica sobre as representações do torcedor de futebol na mídia esportiva impressa. 234 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2005.
- COELHO, P. V.. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2004.
- FONTCUBERTA, M.; BORRAT, H.. **Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción**. Buenos Aires: La Crujía, 2006.
- GENRO FILHO, A.. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2012.
- GOMIS, L.. **Teoria del Periodismo: cómo se forma el presente**. Barcelona: Paidós, 1991.
- MARQUES, J. C.. **A falação esportiva: o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol**. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador (BA).
- MELLO, M. S.. **As duas faces do Jornalismo Literário no esporte: uma comparação entre as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues e o Jornalismo Esportivo argentino**. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, Joinville, 2012.

MESSA, F. C.. **Jornalismo Esportivo não é só entretenimento**. In: 8º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. GP: Produção Laboratorial: Eletrônicos, 2005, Maceió (AL).

OLÉ. Salvaiismo mundial. Buenos Airea, 8 dez. 2013. Disponível em: <  
[http://www.ole.com.ar/futbol-internacional/america/graves\\_incidentes\\_en\\_brasil\\_0\\_1043895938.html](http://www.ole.com.ar/futbol-internacional/america/graves_incidentes_en_brasil_0_1043895938.html)> Acesso em 16 dez. 2013.

PONTE, C.. **Para entender as notícias**: linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

RIO DE JANEIRO (cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Jornalismo Esportivo**: os craques da emoção. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2004.116 p.: Cadernos de Comunicação. Série Estudos, v.11.

SILVA, M. R.. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado). 120f. – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Faculdade de Letras da UFMG. 1997.

SILVEIRA, M. T.; SILVA, A. R.. **Lendo o jogo**: o futebol enquanto linguagem. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul (RS).

STYCER, M.. **História do Lance!**. São Paulo: Alameda Editora, 2009.